



TRAVESTI: UMA (RE)INVENÇÃO DO FEMININO

RITA PINTO DE SOUSA RODRIGUES

Orientador de Dissertação:

PROF. DR. ANTÓNIO PAZO PIRES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DR: ANTÓNIO PAZO PIRES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM Psicocriminologia

2010

Dissertação de Mestrado realizada sob a
orientação do Prof. Dr. António Pazo Pires,
apresentada no ISPA- Instituto Universitário
para a obtenção do grau de Mestre em
Psicocriminologia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à ILGA Portugal – Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero, em especial à Ana, coordenadora e ao Manuel João, coordenador da Brigada do Preservativo, ao Nuno e à Zara, voluntários e meus colegas na Brigada do Preservativo, pelas noites despendidas nos cenários da minha pesquisa, pela companhia e pela grande dedicação. Quero agradecer ao David Campelo, ex- Pantera Rosa, e ainda, à Jorgete e a todas as travestis que de alguma forma contribuíram para este estudo, sendo que ele é dedicado a elas.

Quero agradecer também ao meu orientador Prof. Dr. António Pazo Pires pela paciência e sabedoria que me dedicou, e aos meus filhos João Maria e Mateus que são a minha motivação. Agradeço ainda à minha mãe por toda a ajuda familiar que me deu para que eu pudesse fazer uma investigação nocturna.

RESUMO

Este artigo pretende contribuir para o esclarecimento do que são travestis prostitutas, enquanto indivíduos pertencentes ao grupo dos transgéneros, ou seja, grupo de indivíduos que opera transformações de género. Pretendemos contribuir para a compreensão dos processos de transformação do corpo, da identidade de género e do ser travesti. Abordaremos a importância do sexo e da homossexualidade na construção deste ser.

Caracterizar as travestis, implica a caracterização das suas representações internas e externas, bem como, uma aproximação às representações dos diversos actores sociais que com elas se relacionam.

Palavras-Chave: Travesti, prostituição, transformação, sexo e género.

ABSTRACT

This article wish to clarify what are prostitutes travestites while individuals belonging to the transgender group or group of individuals that operate some changes in their gender. We intend to contribute to the understanding of the process of transformation of body, gender identity and what is being a travestite. We will discuss the importance of sex and homossexuality in the construction of this being.

To characterize the travestite involve the characterization of their internal and external representations as well as the representations of the diferent social actors who are related to them.

Key-Words: Travestite, prostitution, transformation, sex and gender.

ÍNDICE

Artigo de Revisão de Literatura - “TRAVESTIDAS DE CORPO E ALMA”

Introdução.....	1
1 - Sexo e Género.....	2
2 - Construindo uma identidade.....	6
3 - O Processo de Transformação.....	8
4 - Prostituição Travesti.....	10
5 – Território Travesti.....	12
Conclusão.....	15
Referências.....	16

Artigo Empírico - “TRAVESTI: UMA (RE)INVENÇÃO DO FEMININO”

Introdução.....	21
Método.....	23
Resultados.....	25
Discussão.....	29
Referências.....	31
ANEXOS.....	32
Anexo I – Notas de Terreno	33

Artigo de Revisão de Literatura

TRAVESTIDAS DE CORPO E ALMA

Introdução

Para a elaboração deste artigo de revisão de literatura, pesquisou-se em diversas bases de dados, através da EBSCO, nomeadamente, PsycInfo, PsyArticles, Psychology and Behavioral Sciences Collection, Library Information Science & Technology Abstracts e na Academic Search Complete, durante o período compreendido entre 1998 e 2010, com a palavra-chave travesti e travestis prostitutas. Foram encontradas neste período 56 referências, entre artigos e revisões de literatura. Na PsycInfo e na Library Information Science & Technology Abstracts foram encontrados 2 artigos em cada com a palavra-chave travesti e nenhum com as palavras-chave travestis prostitutas. Na PsyArticles não foi encontrada nenhuma referência com a palavra-chave travesti ou travestis prostitutas, e na Psychology and Behavioral Sciences Collection foi encontrada uma revisão de literatura. As restantes referências foram encontradas na Academic Search Complete.

Não foram encontrados artigos portugueses.

1 – Sexo e Género

As travestis prostitutas constituem um fenómeno social complexo cada vez mais notório e transversal. Podendo ser consideradas figuras do desvio, por não corresponderem às expectativas de comportamento impostas pelas sociedades modernas, são vistas como um grupo marginal que actua num determinado espaço e tempo (Becker, 1963).

As travestis, embora sejam indivíduos do género masculino, são tratadas na literatura como pertencendo ao género gramatical feminino, na medida em que existe uma valorização do processo de construção do género feminino no corpo e nas subjectividades das travestis, bem como o respeito pela identidade do grupo (Benedetti, 2000).

Estes indivíduos, homens no sentido fisiológico, relacionam-se com o mundo como mulheres. Eles rompem com a visão clássica do feminino e do masculino, surgindo novas identidades sexuais e de género (Peres, 2005).

Travesti prostituta, significa prostituto homossexual travestido. Porém, travestido num sentido mais complexo do termo, travestido de valores, de representações e de uma identidade. Travesti enquadra-se na categoria mais lata do transgender ou transgénero. Utilizamos o termo transgénero para nos referirmos a pessoas que de alguma forma transgridem normas sociais de género. Aqui cabem todos os indivíduos que operam uma transformação de género, como por exemplo, os transexuais e os transformistas.

Não pretendemos enumerar todas as categorias que se enquadram no transgenderismo, mas parece ser de extrema relevância fazer uma distinção entre estas três sub-categorias.

A transexualidade é caracterizada pelo desejo de viver e de ser visto como pertencente ao sexo oposto, pois o sexo biológico do indivíduo não corresponde à sua identidade de género. Este desejo é acompanhado com um enorme desconforto com o corpo e uma vontade imensa de o transformar de modo a que fique mais congruente com o sexo desejado (cit. por APA, 2008).

Transformistas são indivíduos que promovem leves intervenções sobre o seu corpo que possam ser rapidamente revertidas ou suprimidas, assumindo vestes e uma identidade feminina somente em ocasiões específicas (Benedetti, 2000). Não faz parte dos valores ou práticas dos transformistas andar “montada” durante o dia. Designa-se montada, a forma como se apresentam para o mundo, ou seja, o facto das travestis assumirem uma identidade oposta à do seu sexo biológico durante vinte e quatro horas por dia, e se apresentarem e relacionarem com o mundo conforme essa identidade, vestindo-se e arranjando-se de acordo (Pelúcio, 2004).

Travestis são aqueles indivíduos que promovem modificações nas formas do seu corpo, com o objectivo de o moldar o mais parecido possível com o corpo da mulher, recorrendo a técnicas bem populares entre elas, como a toma de hormonas femininas e a aplicação de silicone no corpo. Para além da aplicação de implantes mamários de silicone, as travestis aplicam esta substância em todas as partes do corpo que necessitem de ganhar formas arredondadas, como os quadris, as coxas, as nádegas, os joelhos, os braços e a face. As que têm possibilidades financeiras recorrem ainda à cirurgia plástica, para refazer o nariz ou o contorno dos olhos (Kulick, 2008).

As travestis promovem alterações definitivas nos seus corpos e concorrem umas com as outras nestas modificações, sendo tema corrente a quantidade de silicone aplicada no corpo ou a necessidade de fazer plásticas (Kulick, 2008). Todas estas alterações têm como objectivo uma transformação do género, ou seja, passarem a ser identificadas como pertencentes ao género feminino, independentemente, de conservarem o órgão sexual masculino. Neste sentido, o sexo das travestis será masculino, não havendo dúvidas em relação à sua anatomia, e o seu género será feminino, sendo que o primeiro pertencerá ao domínio do físico, e o segundo ao domínio do simbólico. O género constrói-se, assim, a partir de outras formas, como a etnia, as diferenças de classe, a raça, o papel social desempenhado numa determinada sociedade, e, não apenas do sexo (Butler, 1999). O género é algo em construção permanente, um processo que para as travestis é infinito, nunca acabado, uma característica ambivalente que ultrapassa o binómio masculino/feminino.

As travestis não são falsas mulheres na pele de homens, uma vez que se assumem como homossexuais, mas buscam incessantemente essa feminilidade que é característica do gênero feminino (Pelúcio, 2005). Travestis não são mulheres e não ambicionam ser mulheres, porém, precisam de se sentir mulheres (Kulick, 1997).

Neste sentido, os indivíduos transgêneros não devem ser vistos apenas como um grupo de indivíduos que sentem que estão presos num corpo errado, um corpo que não é o seu. As suas experiências são tão complexas que os vários estudos que têm sido feitos, apenas contribuem para uma melhor compreensão dos fenômenos de transformação de gênero, não conseguindo, ainda, explicar de forma concreta todos os processos que envolvem e caracterizam estes indivíduos (Morgan & Stevens, 2008).

Os vários estudos realizados com transgêneros apontam para que exista um sentido de dissonância entre o corpo e a mente, sendo esta dissonância um primeiro reconhecimento de uma identidade transgênero. Esta dissonância ocorre ainda na infância na maioria dos indivíduos (Morgan & Stevens, 2008).

De acordo com a DSM IV-TR as dissonâncias entre a identidade de gênero e o sexo são consideradas perturbações, caracterizadas por uma persistente identificação de gênero cruzada e um desconforto com o sexo biológico ou sentido de inapropriação do papel de gênero desse sexo, ou seja, não é necessário que haja explicitamente uma rejeição do corpo ou dos genitais, mas apenas uma não aceitação do gênero que socialmente é identificado com aquele corpo. No caso das travestis, não existe uma rejeição do órgão genital, pelo contrário, este é fundamental para o prazer sexual desejado e para o sustento das travestis prostitutas. Porém, as travestis sentem uma grande necessidade de transformar o seu corpo, de modo a que este seja identificado com o gênero feminino. Sem estas transformações não poderíamos falar de travestis, pois ser um verdadeiro travesti implica transformações definitivas ou muito difíceis de reverter (Kulick, 2008).

As travestis são homens e não pretendem ser mulheres, porém, operam grandes transformações corporais no sentido de ficarem com uma aparência feminina. Gostam de se sentir mulheres, sem querer sê-lo, mas também não se sentem homens num sentido de homem-macho.

As travestis são homossexuais assumidas, são homens efeminados e detestam ser confundidas com lésbicas. Têm nojo do órgão sexual feminino e, por isso, nunca o desejariam ter, além de que consideram que o pênis tem muito mais potencialidades que a vagina. A vagina só pode ser penetrada e o pênis pode penetrar, mas se as travestis quiserem podem assumir um papel passivo e ser penetradas também, mesmo sem ter vagina. As travestis recusam a superioridade da vagina da mulher nas relações sexuais. A flexibilidade sexual das travestis, permite-lhes que tenham acesso a todo o espectro dos comportamentos sexuais e de gênero. Para as travestis o atributo distintivo da mulher é a vagina, tudo o resto não é pertença da mulher, nem as suas curvas, nem as suas vestes, nem os seus cabelos, nem os papéis sociais que lhe são atribuídos. Para elas o masculino e o feminino têm atributos próprios. Existem três gêneros para as travestis, o feminino, o masculino e a bicha, ou seja, o homossexual efeminado que se assume como tal. Elas. As travestis consideram-se os homossexuais mais verdadeiros e assumidos, pois gostam de homens no sentido machudo, homens que adoptam comportamentos com uma certa heteronormatividade, ou seja, a quem elas não consideram homossexuais, homens que gostam de mulheres e delas também. Por isso, modificam o corpo em função do sexo e das relações pessoais que têm ou esperam vir a ter com esses homens. Constroem a sua subjectividade assente num desejo homossexual de feminilidade (Kulick, 1998). Desta forma, as travestis investem sobre os corpos, articulando o físico com o psíquico e o social, permitindo considerar os planos do simbólico e do empírico, capazes de orientar um conjunto de práticas estruturadoras da experiência humana (Pelúcio, 2005).

2 – Construindo uma identidade

É durante o período da adolescência que o indivíduo desenvolve os requisitos preliminares de crescimento fisiológico, amadurecimento mental e responsabilidade social para poder experimentar e atravessar a crise de identidade. Podemos falar de crise de identidade como o aspecto psicossocial do processo da adolescência (Erikson, 1972).

A juventude é o período de consolidação desta identidade, ou seja, a identidade não adquire uma forma definitiva, mas sim um fundo definido de ser sexuado e pessoa social. Um fundo organizado e de organização em que se configura o papel do indivíduo inserido nas suas circunstâncias (Matos, 2002).

Esta identidade, um centro dinâmico de vivências, de pensar e agir, constrói-se na oscilação do investimento objectal e investimento narcísico. A necessidade de se aproximar do outro e o assimilar das suas qualidades, contrastam com a afirmação de si próprio. Durante o período da adolescência, coloca-se a problemática do luto dos imagos parentais e da mudança do objecto, existe uma revivência do conflito pré-genital e de dependência infantil que atormenta o adolescente (Matos, 2002).

A identidade pode ser vista como uma busca contínua, feita desde a infância, em que o sujeito tem um sentimento intrínseco de ser o mesmo ao longo da vida; ou como um movimento, uma passagem da adolescência para a idade adulta, sendo que identidade e identificações podem estar separadas.

Erikson (1972) realça a continuação da vida, desde a fase da infância até à adultícia, como um processo construtivista; em que o adolescente vive de acordo com a infância, as suas vivências, e os diferentes elementos da identidade que constituíu para si próprio na interacção com o meio. Para este autor, a sociedade permite ao sujeito desenvolver e integrar as diferentes etapas do desenvolvimento psicossocial e, conforme a posição que o adolescente adopta nessas etapas, vai construindo a sua identidade.

A rejeição dos objectos parentais e a descoberta do objecto sexual pelo indivíduo, vão determinar para o sujeito, a escolha da sua orientação sexual, o que também faz parte da sua identidade. Por isso, estas novas relações de objecto vão servir de suporte a novas interiorizações e identificações, apesar do sujeito só se identificar com algumas características do objecto. Ao interagir, por exemplo, com o grupo de pares, com o qual se identifica, este vai servir de intermediário para outras interacções, surgindo novos objectos com os quais se pode identificar. Este contacto permanente com o meio exterior, permite ao sujeito religar, remodelar e reestruturar as suas identificações, o que implica redefinir a sua identidade (Erikson, 1972).

Sendo o processo de desenvolvimento da identidade constituído por referência ao narcisismo, à identificação, ao grupo e a um trabalho de luto, pode haver influências no ideal do ego na adolescência. O ideal do ego tem a sua origem no narcisismo primário, no qual as atenções são centradas no sujeito.

O jovem sente-se confuso em relação à sua sexualidade, tendo o ideal do ego a função de formar a identidade sexual do sujeito, de modo a que o indivíduo a aceite e a mantenha. Quando o sujeito tem a certeza daquilo com que se identifica, constrói com maior estabilidade o seu superego e ideal do ego, afastando-se assim do complexo de Édipo.

O ideal do ego, seria então, aquilo que o ego gostaria de obter do superego, o que permitiria ao sujeito sentir-se bem consigo próprio e em equilíbrio (Marcelli & Braconnier, 1989).

O travestismo é mais do que uma simples fantasia de menino em que a identificação ao imâgo materno assume um papel preponderante na construção da identidade. O travestismo aponta para uma certa confusão entre a identidade sexual do sujeito e a identificação ao corpo ao qual pertence essa identidade. Não se trata de um transexualismo psíquico, pois não existe a dissonância entre aquele corpo sexuado e a mente (Morgan & Stevens, 2008). Parece tratar-se de um cruzamento de identificações ou talvez o travestismo esteja relacionado com uma fraca identificação, deixando o sujeito à deriva, ou seja, numa procura constante de uma identidade (Garcia, 2009).

3 – O Processo de Transformação

O processo de transformação das travestis começa, muitas vezes, com a ruptura do mundo de casa, da família e das redes sociais que a envolviam. Segue-se o apego ao universo da rua, onde encontram formas de sobrevivência e aprendem ou potencializam, o seu processo de transformação (Benedetti, 2000). Para que tal aconteça, é necessário a ajuda do grupo, pois é difícil tornar-se travesti sem estar inserido numa rede específica.

As experiências e concepções que levam uma travesti a tomar tal decisão ocorrem e são formadas ainda na infância. As travestis recordam ser um período marcado por jogos eróticos com outros meninos e atracção sexual pelo sexo masculino, culminando sempre numa série de experiências sexuais, nas quais a futura travesti acaba por ter relações sexuais com indivíduos do sexo masculino mais velhos.

Depois da primeira relação anal, os meninos que se transformarão em travesti, começam a vestir-se de mulher, cada vez mais explicitamente, e dão início a diferentes modificações corporais no sentido de se tornarem mais femininos (Albuquerque & Janelli, 1995). Há medida que essas transformações se vão tornando mais visíveis, os meninos são quase sempre expulsos de casa ou a abandonam por livre iniciativa. Longe da família, são mais livres para explorar, plenamente, aquilo que sentem ser a sua natureza feminina. Acabam por conhecer travestis mais velhas e experientes, pessoas que as irão aconselhar e ajudar na tarefa de se aperfeiçoar e de se completar como ser feminino (Kulick, 2008).

É comum neste processo verificar-se um “amadrinhamento”, ou seja, existem travestis que se orgulham de ser “mães” ou “madrinhas” de outras travestis. Ser mãe, corresponde a alguém que ajuda na iniciação propriamente dita; ser madrinha refere-se à protecção e ensinamento para viver como travesti (Pelúcio, 2005). Estas travestis mais velhas costumam incentivar as jovens travestis a tomar hormonas, sabendo que quanto mais cedo for iniciada a hormonização, melhor será o seu efeito. As hormonas estabelecem uma espécie de linha divisória entre as travestis de verdade e o que as travestis chamam de transformistas.

As travestis olham os transformistas com desconfiança, superioridade e consideram-nos vulgares. Pois ao contrário deles, as travestis vivem como mulher vinte e quatro horas por dia, além disso, alteram os seus corpos ingerindo hormonas e injectando litros de silicone industrial.

A adopção da silicone como meio de transformação do corpo para o resto da vida, é um marco muito importante na vida das travestis, pois permite-lhes ficar com formas de mulher. Porém, o ser travesti não implica a mudança de sexo, são homens e vão sempre ser homens, mas, podem aumentar as partes do corpo, embelezá-lo, sem que o sexo seja alterado.

O transexual, o indivíduo que muda de sexo por meio de uma operação, não é travesti, e é visto pela maioria delas com desprezo e suspeita. Porém, não podemos dizer que um transexual não passa por uma fase de transformação travestida, pois antes de qualquer cirurgia de amputação do órgão sexual, várias vezes se travestiram e começaram também um processo de hormonização (Marie, 2008). O seu objectivo final é diverso, não tem como pretensão ficar no travestismo como aqui o descrevemos. De qualquer modo, existem hoje transexuais que não operam o sexo, mas que não são travestis, serão seres intersexuais, com identidade de género e sexual difusa, não havendo ainda dados suficientes para garantir que se trata realmente de transexuais.

As travestis consideram ser impossível ser mulher, pois nasceram homens e, mesmo com uma vagina nunca seriam mulheres. Amputar o pénis, para elas, significa a perda do prazer sexual, o que é incompreensível, visto que uma das razões que as leva para a prostituição é, precisamente, o prazer sexual que obtêm (Benedetti, 2000).

As travestis adoptam nomes, roupas, cabelos e práticas corporais femininos, por considerarem que existe uma maior desejabilidade do corpo feminino no mercado sexual. Um corpo feminino belo tem uma relação directa com um bom rendimento financeiro na prostituição. Porém, o facto das travestis dispenderem tanto tempo e dinheiro com a transformação do seu corpo, não se reduz a um potencial de sedução dos clientes, tendo, especialmente, a ver com o desejo de se sentirem femininas e de se sentirem mulheres (Benedetti, 2000).

Esta característica é apontada num sentido bem específico, o ser mulher significa em termos de aparência física, do comportamento e do relacionamento com os homens. As travestis não falam das mulheres em termos de estados internos ou sentimentos biologicamente produzidos (Kulick, 2008).

A feminilidade aparece como algo ao alcance de qualquer um que realmente a deseje. Para se sentirem mulheres, as travestis não necessitam de levar uma vida de mulheres reais, tudo o que precisam é de adquirir os atributos adequados e as relações apropriadas (Kulick, 1998).

4 – Prostituição Travesti

Na maioria dos estudos efectuados sobre a prostituição, é descrito, exclusivamente, o aspecto profissional da vida das mulheres que tiram sustento do sexo. Elas são vistas como se fossem prostitutas durante todo o dia, não sendo mencionado, praticamente, nenhum aspecto da sua vida privada. Em geral, são vistas como tendo relacionamentos apenas com proxenetas, unindo-se a eles por necessidade, desilusão ou medo (Barry, 1995).

No caso das prostitutas travestis, os estudos relatam que os namorados das travestis, correntemente chamados maridos, assumem um papel central e constante na vida delas. Elas orientam-se constantemente em função dos seus namorados, ex-namorados e futuros namorados. As travestis estão sempre imaginando meios de conquista e de atracção, dirigidos a homens considerados interessantes e dotados das qualidades certas. Quando cortejam um potencial namorado ou fisgam um homem que desejam manter, não medem esforços para agradá-lo, mobilizando a vida e os ganhos económicos em função dele e do seu conforto. Elas enchem-no de presentes, dinheiro e drogas, até ao dia em que se cansam, mandando-o embora e substituindo-o por outro (Kulick, 2008).

A prostituição travesti não é apenas uma fonte de rendimento, mas também uma fonte de experiências prazerosas e recompensadoras. As travestis não veem a prostituição como uma forma degradante de exploração sexual, mas sim, como um trabalho, que lhes garante acesso a muito mais dinheiro do que um emprego assalariado. A prostituição faz com que as travestis se sintam atraentes.

É o único contexto onde podem desenvolver a auto-estima, autoconfiança, valor pessoal, além de se sentirem objecto de desejo intenso e verdadeiro (Oliveira, 1994).

As travestis referem-se a si mesmas como prostitutas ou putas e utilizam a palavra prostituição para falar do seu ofício. Muitas travestis têm um traje favorito para trabalhar, que consideram chamativo e atraente aos olhares masculinos. Normalmente, são vestidos, calções ou saias curtas que deixam transparecer a parte superior das coxas e inferior das nádegas, enchidas pela silicone. Tal atractivo é fundamental, pois demonstra a necessidade de valorizar os atributos que elas consideram ser mais femininos. A maquiagem utilizada também é um adereço muito especial e apreciado por todas elas, podendo, inclusivé, ser alvo de um comentário jocoso (Kulick, 1997).

5 – Território Travesti

A cidade é o ambiente natural do homem livre, é nela que o indivíduo encontra nas possibilidades, na diversidade de interesses e tarefas, a oportunidade de escolher a sua vocação e de desenvolver os seus talentos individuais peculiares. A cidade oferece um mercado para os talentos específicos dos indivíduos, onde a competição pessoal tende a seleccionar para cada tarefa específica, o indivíduo mais adequado a desempenhá-la.

A cidade não é apenas uma unidade geográfica e ecológica, ao mesmo tempo, é uma unidade económica. Esta organização económica da cidade, baseia-se na divisão do trabalho, na multiplicação de ocupações e profissões dentro dos limites da população urbana. Ela compreende uma espécie de mecanismo psicofísico, no qual os interesses encontram uma expressão incorporada (Park, 1987).

A criminologia, a sociologia da desviância, a antropologia da marginalidade e a psicologia, nas últimas duas décadas, procuraram esclarecer através da prática e do discurso científicos, o papel do espaço como dimensão específica no estudo do delito e do comportamento desviante (Fernandes, 1997). Os espaços, considerados como perigosos, são contemporâneos da formação da cidade; sítios de um urbano degradado, cujo efeito eco-social disfuncional, é uma espécie de capacidade produtora de marginalidades e figuras desviantes, dotados de propriedades criminogéneas, dando origem a lugares de vida das classes perigosas (Chevalier, 1984), do resíduo social (Graham and Clarke, 1996) ou do *junk people* (Park, 1925).

Dentro destes grupos desviantes, incluem-se as travestis que ocupam determinados territórios urbanos, para a prática da prostituição. A cidade é o território por excelência das travestis. Estas, ocupam ruas ou lugares que se confundem durante a noite com a sua prática prostitutiva, fazendo desaparecer tudo o que em seu redor possa ter outro significado. O desfile das travestis por territórios delimitados, informam os possíveis clientes da sua presença bela e singular (Ornat, 2008).

É na rua que aprendem a ser femininas, que podem exibir os corpos pelos quais batalharam toda a vida, é na rua que conquistam os namorados ou maridos, como elas lhes chamam, é neste espaço que se realizam enquanto travestis completas e verdadeiras (Kulick, 2008).

Estes grupos de indivíduos desenvolvem laços identitários, um conjunto de normas de conduta dirigidas para o território e para o comportamento enquanto travesti. Ao participarem de um grupo territorializado, aderem a um sistema de valores produzidos culturalmente e instituídos pelos seus pares. Este conjunto de normas são fundadas através da conveniência, tendo como suporte o corpo, os gestos, um conjunto de códigos reconhecidos por todos os membros do grupo (Kulick, 2008). Nestes códigos de comportamento estão presentes padrões de relações de género que são compreendidos pelos actores sociais.

O território da prostituição travesti, são locais de fundamental importância no processo de construção do ser travesti. A experiência espacial das travestis desenvolve-se por interdições e práticas de apropriação de determinados espaços urbanos por um período de tempo. É nesses espaços que elas conseguem impor condutas consensuais no grupo e, desta forma, instituir o território da prostituição travesti. É apenas na prostituição que elas conseguem um tipo de organização grupal capaz de ser reconhecida e identificada socialmente (Benedetti, 2000).

Para as travestis, ir para a rua, apesar de não ser uma tarefa fácil devido à violência física e psicológica a que estão sujeitas, significa fazer parte de um grupo, de uma identidade, de um território (Ornat, 2008). Este é ocupado por períodos de tempo variáveis e oferece tanto de perigo como de prazer. Apesar da discriminação a que são sujeitas todas as noites, por indivíduos que passam junto delas só para as injuriar ou até para as ameaçar, as travestis não se deixam intimidar, voltando sempre ao seu território.

O território travesti é um território hierarquizado, onde as travestis mais velhas adquirem direitos sobre as jovens.

Neste grupo existem regras bem definidas que não podem ser infringidas. No caso de o serem, são aplicadas multas em dinheiro ou objectos, como por exemplo, roupa, acessórios, perfumes; existe, assim, uma hierarquia que deve ser respeitada. Estas multas podem dizer respeito a má conduta, questões territoriais ou até relacionadas com clientes (Ornat, 2008).

O território da prostituição travesti constitui um importante espaço de aprendizagem, socialização e trocas entre travestis. É também um local onde se desenvolvem relações matrimoniais. Os maridos ou namorados das travestis, muitas vezes são homens que circulam nesses territórios à procura de sexo, diversão e parceria. O espaço da prostituição é também um espaço de experiências prazerosas e enriquecedoras do género (Kulick, 2008).

É na convivência nos territórios de prostituição que as travestis incorporam os valores e as formas do feminino. Têm acesso aos truques e técnicas da prostituição, conformam gostos e preferências sexuais e, muitas vezes, ganham ou adoptam um nome feminino. É um local onde elas se constroem corporal, subjectiva e socialmente (Benedetti, 2000).

CONCLUSÃO

A cultura travesti, é uma cultura individualista e jovem, produzida por indivíduos que são jovens e que desejam permanecer jovens. Uma cultura constituída e perpetuada por sujeitos cuja maior preocupação não é com a sua vida social, mas com a sua aparência. A beleza importa mais do que uma esplêndida habilidade social, na qual o número de namorados, clientes e conquistas sexuais na forma de “vícios” é muito mais valorizada que o número de amigos. Esta cultura baseada na atracção, no *sex appeal* e na feminilidade, é o mais importante, sendo produto de um esforço consciente e de intensa manipulação física, que muitas vezes tem início na juventude e permanecem durante toda a vida (Kulick, 2008).

Referências

- Albuquerque, F. F. & Janelli, M. (1995). *A Princesa: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barry, K. (1995). *The prostitution of sexuality*. New York: N.Y. University Press.
- Becker, H. (1963). *Outsiders. Studies in sociology of deviance*. New York: The Free Press of Glencoe.
- Benedetti, M. R. (2000). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Porto Alegre: Universidade Federal de Rio Grande do Sul (Dissertação de Mestrado).
- Butler, J. (1999). *Gender Trouble*. New York and London: Routledge.
- Chevalier, L. (1984). *Classes labourieuses et classes dangereuses*. Paris: Hachette.
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Fernandes, L. (1997). Os lugares onde a cidade se interrompe. *Revista do Ministério Público*, Ano 18º, nº 69, Jan.-Mar., pp. 81-100.
- Fernandes, L. (2001). Criminogênese e perigosidades a propósito do bairro social degradado. *Temas Penitenciários*, Série II, 6 e 7, pp. 9-14.
- Firmino da Costa, A. (1986). “A pesquisa de terreno em sociologia”, In José Madureira e Augusto S. Silva (orgs.). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Garcia, M. (2009). Identity as a patchwork: aspects of identity among low-income brazilian travetis, *Culture, Health & Sexuality*, vol 11, 6, pp. 611-623.
- Graham, P. and Clarke, J. (1996). “Dangerous places: crime and the city”, In J. Muncie e E. McLaughin (orgs.). *The problem of crime*. London: Sage.
- Kulick, D. (1997). The Gender of Brazilian Transgendered prostitutes, *American Anthropologist*, vol.99 (3) Sep, pp. 574-585. U.S: University of California Press.
- Kulick, D. (1998). Female trouble: the unsettling place of lesbians in the self images of Brazilian transgendered prostitutes. *Sexualities*, 1, pp. 301-314.

- Kulick, D. (2008). *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (1989). *Manual de psicopatologia do adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Marie, S. (2008). *Gender Crisis. Growing up transgendered*. Bloomington: iUniverse.
- Matos, A. C. (2002). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Oliveira, A. (2004). *As vendedoras de ilusões. Estudo sobre prostituição, alterne e stiptease*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Oliveira, N. M. (1994). *Damas de Paus: o jogo aberto das travestis no espelho da mulher*. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Ornat, M. J. (2008). *Território da prostituição travesti e instituição do ser travesti em Ponta Grossa*. Universidade Estadual de Ponta Grossa PR (Dissertação de Mestrado).
- Park, E. R. (1925). *The city*. Chicago: Chicago University Press.
- Park, E. R. (1987) [1916]. *O Fenómeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Park, E. R. (2006). *Research in the social sciences-Its fundamental methods and objectives*. New York: Cosmo.
- Pelúcio, L. (2005). Na noite nem todos os gatos são pardos. Notas sobre a prostituição travesti. *Revista Semestral do núcleo de Estudos de Gênero – Pagu*. Universidade Estadual de Campinas, pp. 217-248.
- Peres, W. S. (2005). *Subjectividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Tese de Doutorado).

Artigo Empírico

TRAVESTI: UMA (RE)INVENÇÃO DO FEMININO

RESUMO

Este artigo pretende contribuir para a compreensão do que é ser travesti prostituta. Pretendemos demonstrar que as travestis apresentam características de género próprias e que as representam nas suas subjectividades. Neste estudo vamos encontrar uma ligação entre a representação do masculino e do feminino apelando ao sexo e à prostituição, como factores essenciais no processo de transformação em travesti.

Palavras- Chave: Travesti, sexo, género e prostituição.

ABSTRACT

This article wish to contribute to the understanding of being a prostitute travestite. We intend to demonstrate that travestites have their own gender characteristics and represent them in their subjectivities. In this study we find a connection between the representation of male and female appealing for sex and prostitution, as key factors in the process of transformation in travestite.

Key-Words: Travestite, sex, gender and prostitution.

INTRODUÇÃO

A falta de informação em geral sobre a população transgénero, em particular sujeitos travestis que se dedicam à prática da prostituição, levou-nos a querer saber o que são afinal travestis prostitutas e como se distinguem dos outros sujeitos transgéneros.

A caracterização deste grupo específico poderá trazer novos conhecimentos sobre a prática da prostituição em Lisboa, da relevância do género, do tipo de indivíduos que recorrem às travestis e da importância deste grupo para o mercado do sexo.

Incluimos nesta investigação, o aspecto do sexo comercial, para tentar compreender como a prostituição se relaciona com o transexualismo. Esta caracterização parece ser relevante visto que se trata de um grupo marginal, e que, de algum modo, interfere com a dinâmica da cidade durante a noite. Apesar da prática da prostituição não ser legalizada nem criminalizada no nosso país, está aliada a práticas ilícitas como o lenocínio, o que envolve uma diversidade de actores sociais.

Não queremos com este estudo categorizar, mas sim, caracterizar as subjectividades das travestis, as relações entre os seus membros enquanto grupo, compreender o papel do processo de transformação ao qual estão sujeitos e, a importância do território por elas ocupado. A investigação consiste em tentar esclarecer como as travestis representam as ideias e práticas do masculino e do feminino, de que modo extraem conclusões lógicas desse conjunto de representações e, como o purificam, a ponto de ser possível ver nele os elementos centrais que formam as configurações culturais da sexualidade, sexo e género (Kulick, 2008). Tentaremos perceber como é que o corpo instrumento de trabalho se relaciona com o corpo enquanto espaço de afetividade (Oliveira2004).

Neste estudo, vamos encontrar uma orientação etnometodológica, no qual o transexualismo representa um privilegiado ponto de observação dos modos como sexo e gênero são praticados e concebidos na vida quotidiana; e, ainda, uma orientação baseada em estudos que não se restringem às categorias biológicas de homem e mulher, mas sim, conceitos que direcionam esta investigação para as práticas de gênero das travestis, enquanto um conjunto de ideias, processos e subjectividades, não necessariamente gerados pelos órgãos reprodutivos, ou a eles relacionados; distanciando-se, assim, de uma abordagem que vê as travestis simplesmente como uma inversão, desvio ou tentativa de homens a quererem ser mulheres. Queremos compreender este fenómeno social complexo, que passa por uma adaptação ao meio e à profissão, bem como um processo de transformação ao nível corporal, comportamental, psicológico e de integração (Kulick, 2008).

MÉTODO

A inspiração metodológica deste estudo, enraíza no melhor estilo da Escola de Chicago, estudando naturalisticamente a ecologia dos mundos desviantes, interagindo com os seus actores, participando e absorvendo, às vezes mais distanciadamente, a trama quotidiana da acção (Park, 2006).

A inspiração conceptual, remete também para a Escola de Chicago, tendo referência em correntes mais recentes, desde o interaccionismo simbólico às teorias processuais do *labelling*. Parte-se do princípio que toda a acção tem um sentido e é escutando o sentido que podemos desocultar a acção. O sentido é aquele que o actor social dá para si próprio à acção que empreende. Trata-se pois, de observar condutas, não a partir de uma grelha interpretativa prévia, como por exemplo, um comportamento compulsivo tipicamente delinquente, mas através da luz própria do actor e da sua lógica justificativa do acto (Becker, 1963).

Escolhemos, portanto, um estudo etnográfico ou método de pesquisa de terreno que supõe a presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo, o contacto directo com as pessoas, com as situações e os acontecimentos (Hannerz, 1980).

O nosso objecto de estudo foi um grupo de travestis, mais ou menos 20 sujeitos, que se prostituem na Rua do Conde do Redondo e zona envolvente até à rua do Hospital dos Capuchos, o qual é designado por território travesti.

A recolha da informação foi feita directamente pelo investigador, através da observação directa e participante, tendo sido este o principal instrumento da investigação..

Foi elaborado um diário de campo da observação, percepções e sentimentos, bastante pormenorizado (Simmel, 1911).

A aproximação ao grupo das travestis, foi feita através de acções de voluntariado na Brigada do Preservativo, promovidas pela ILGA Portugal, de modo a permitir a familiarização com o contexto e com o objecto de estudo (Firmino da Costa, 1986).

As acções de voluntariado foram nocturnas, durante oito meses consecutivos. Começavam por volta da 00h30 e não tinham hora para terminar, o fim de cada acção era determinado pelos actores sociais e variava consoante a interacção com o objecto em estudo. O investigador foi acompanhado, na maioria das vezes, por outros dois voluntários da ILGA. Um dos voluntários é uma transexual feminina e conhecida de algumas travestis portuguesas, o que ajudou no *approach* ao objecto.

A observação foi organizada escolhendo indicadores: interacção do grupo, papel do género, práticas sexuais, feminilidade, território e prostituição.

Os resultados do estudo serão apresentados por descrição e interpretação.

RESULTADOS

Apresentamos aqui os principais resultados remetendo para a respectiva página do Anexo I, onde se podem ler na íntegra os dados recolhidos pelo investigador na sua observação directa e participante.

1º mês no terreno

Patrícia:

“- Até lá enquanto estiver jeitosa e tiver clientes venho para aqui, é o meu trabalho! Se me fartar...corto o cabelo e volto a ser um chavalito! O meu marido também era travesti, tirou os peitos e agora trabalha na Santa Casa, já estamos juntos há 32 anos.

(...) somos as mais velhas, de resto é quase tudo brasileiras, muitas e novinhas. Eu estou bem aqui, este lugar é meu e aí delas que aqui venham, mando-as logo lá para baixo.

As imigrantes vêm para aqui tirar o trabalho aos outros (...).

Eu tenho a minha casinha, o meu carro que comprei (...) O meu marido...tão bom que é encostar-me a ele (...).” (pp.35)

“- Não...(sorriu) esse é um vício! Às vezes os novos pagam bem, mas esses (virando a cabeça para trás onde o carro parou) são vícios!” (pp. 36)

Sheila:

“- Acho bem que saibam a vida difícil que a gente tem. A gente tem de aturar cada homem mais feio!!! (atira com os cabelos de um lado para o outro) Credo, é cada um.” (pp.36)

“Eu gosto de homem bonito! (sorriu) Esta vida é difícil, não é mole não!” (pp.37)

“Todas as travestis que observei tinham implantes mamários. Peitos grandes que se destacavam dentro dos reduzidos tops ou soutiens. Estavam pintadas com maquiagens bonitas e cuidadas. Umhas tinham roupas de melhor qualidade que outras. Reparei que os cabelos são muito importantes para que se sintam belas, pois mexem neles com frequência, ou para chamar a atenção ou para os ajeitar. Em nenhuma delas era visível qualquer vestígio de pênis.” (pp. 38)

2º mês no terreno

Travesti:

“- Gosta?! São extensões! Eu gosto assim de cabelos compridos. (mexeu nos cabelos longos, lisos e com madeixas loiras)” (pp. 40)

“Andam aí umas que levam 20, 30 (...) Eu é 50, às vezes 40 se tiver que pagar quarto, mas não baixo mais não.” (pp. 41)

“Ao descermos a rua, encontramos a Cláudia, uma travesti portuguesa, linda, loira e bem cuidada, tinha um ar chique que se destacava das outras. A Cláudia estava com um casaco preto fechado até ao decote e com as mamas de fora nuas.” (41)

Cláudia:

“Estive na Suíça. (...) faço lá numa noite o que faço aqui num mês (risos).”

Nuno:

“- Quanto cobras?

- 50.

- Completo?

- Sim. Mas há aí umas travesties que levam pouco. Há lá em cima uma negra horrorosa que tem muitos clientes por causa do preço. Esta preta gorda, tapa a cara assim com o cabelo (puxa os cabelos para a frente da cara e imita) e engana-os. (riu-se muito)” (pp. 41)

“- Nem se pinta, não usa maquiagem! (diz com um ar indignado).” (pp. 42)

3º mês no terreno

Sandy:

“ - É sempre complicado, se ele não sabe e dizemos-lhe vai ficar decepcionado, mas mesmo que aceite, vai ter muitos ciúmes e complicar-nos a vida. Se for um da rua, também é chato, porque não vou confiar nele, pois se anda comigo pode andar com outra...(sorriu com ar de troça) ou eu gostar de outro porque sei que ele não se importa por eu ser puta, não é?” (pp. 44)

Sheila:

**“-Meninas, que pedaço de mau caminho! Que bonitão e alto...! Você é quase da minha altura! (admirada por ver um português tão alto)
(...) mas você...(pôs o braço à volta do pescoço do Miguel)” (pp. 45)**

“O Miguel é um homem alto bastante atraente e bonito, o típico homem que elas gostam, homossexual mas com um ar hetero, sem gestos afeminados ou nada que o revele. (...) o Miguel foi protagonista de vários episódios de assédio por parte das travestis nesta noite.” (pp. 43)

“Falou num tom autoritário, olhou para mim com um ar desconfiado e eu senti que aquela travesti não era como as outras, pelo menos não tinha o mesmo estatuto social, se considerarmos que existe uma certa hierarquia na rua, fiquei com a impressão de que ela era bastante respeitada no grupo. Houve qualquer coisa naquela travesti que me despertou a curiosidade, fiquei a pensar que talvez fosse uma “mãe” ou uma “madrinha”. Ela ia com outra travesti ao lado que passou praticamente despercebida, de tal modo que se a vir de novo não reconheço. A Jorgete focou toda a minha atenção naqueles breves momentos.” (46)

“No decorrer das conversas fiquei a saber que algumas travestis fazem atendimento durante o dia através de um site na internet chamado T- Gatas.”

“Fui espreitar o site (...) Elas aparecem pouco vestidas ou nuas com o órgão sexual em evidência, parece-me que utilizam o photoshop para realçar o pênis, não acredito que sejam todas tão avantajadas, principalmente, depois das voltas que lhe dão para o esconder quando estão na rua. Na maioria parecem autênticas mulheres, mas, com um pênis e sem um vestígio de pilosidade. É verdadeiramente incrível a imagem que vemos (...). Num primeiro momento suscitou-me nojo, mas depois como investigadora tive de ultrapassar esse momento.

Quando estamos ao pé das travestis e falamos com elas, vemo-las como mulheres, não nos passa pela cabeça como é o seu corpo de verdade. Podemos imaginar porque sabemos que têm um pênis e reparamos nas suas formas, nas mamas, nas curvas, nos cabelos, nas coxas, mas não da forma como o vemos naquele site.” (pp. 47)

4º mês no terreno

Kelly:

“- Eu sempre fui mulher. Me sinto mulher. (...) eu sou casada na Suíça com uma portuguesa. Paguei 18.000 euros para casar com ela. Sou casada como homem né, e tou tratando da papelada.” (pp.48)

Eu:

“- Como é a vida de travesti no Brasil?

- Lá não trabalho não, só vou ver a família e tenho um salão de beleza lá. Não vou para a rua não.”

Ingrid:

“- Eu também vou ao Brasil de vez em quando e também não vou para a rua não.” (pp.49)

Kelly:

“Quero deixar esta vida de puta (...). Quero fazer a operação e ser mulher. (a Ingrid riu-se)”

Eu:

“- Então queres mudar de sexo é isso?

- Quero, vou fazer e volto para o Brasil para outra vida como mulher.

- Sentes-te uma mulher?

- Sinto...menina eu sempre me senti mulher!” (pp.50)

Alessandra:

“- Eles querem o nosso pau, mas querem o pau numa mulher. Eles querem gozar e nós goza com eles. Com os clientes a gente goza, com os maridos a gente sente-se mulher.

Nuno:

- Mas tu não queres operar o sexo pois não?
- Deus me livre! Eu não...olha...eu nasci assim homem e por isso, vou sempre ser assim, não posso mexer não, foi assim que nasci. Agora o resto posso transformar, pôr silicone (agarrou as mamas para mostrar).

Marcelo:

- “- Há quanto tempo você pôs?
- 1 ano
- Quanto pôs?
- 450. Foi difícil porque dói muito depois de colocar, a gente tem de ficar assim sentadinha sem se mexer que é para não estragar.” (pp.51)

Cassandra:

“- Olhem eu só venho para aqui de vez em quando (...) eu sou transformista, faço o espectáculo do bar X. Não sou travesti, se quisesse era, mas não quero. Gosto de ser homem e de vestir-me de mulher. (...) elas estão ali com as mamas de fora e eu se me sentar na paragem e mostrar o pau, os clientes param logo. Eles querem é um pau grande e o meu é. Tás a ver aqui os pêlos (baixou a gola do vestido de lã e mostrou-me o peito cheio de pêlos), eles nem dão conta e as mamas também não, querem é o que tenho aqui em baixo (riu-se).

- Então os teus clientes são diferentes dos delas? -perguntei.
- São, os meus clientes são bichas que querem ter sexo com homens e não conseguem e, por isso, têm sexo com alguém vestido de mulher. Não tem de parecer mulher, eles é que têm problemas em ter sexo com homens. A maioria são casados e até têm filhos.” (pp.52)

Jorgete:

“- Sabes, eu era uma Miss, consideravam-me a travesti mais bonita de Portugal. (pp.55)

Regina:

- Isso era dantes, agora estás velha! E quem diz que eras mais bonita que eu? Eu é que era linda, uma mulher perfeita.
- Cala-te monstro! Sabes perfeitamente que eu era a mais bonita!”

“- Nesta profissão não há amigas (...). Olha para mim ainda estou muito bem não achas? (levantou o vestido para me mostrar o rabo e as coxas)

(...) temos de nos saber comportar e ela não sabe (pisçou-me o olho e falou muito baixinho.” - disse a Jorgete (pp.56)

“-Estivémos ali até às 5h da manhã a ouvir histórias e picardias entre elas, sempre a competir uma com a outra, mas com grande cumplicidade. Estas duas travestis são reconhecidas pelas outras como mães, ajudam no processo de transformação e guardam o território.” (pp.57)

DISCUSSÃO

De acordo com as observações efectuadas no terreno podemos concluir que as travestis passam por um processo complexo e doloroso de transformação do corpo, adoptando formas e comportamentos identitários ao grupo. Ser travesti em Portugal, infelizmente, significa ser prostituta, pois dificilmente são aceites noutro trabalho devido aos tabus que ainda hoje existem no nosso país. Por isso, quando podem viajar, por exemplo, para a Suíça, onde a prostituição está legalizada e, por isso, lá qualquer prostituta é respeitada como ser humano que é. Apesar das tentativas de se enquadrarem na sociedade, não conseguem passar despercebidas sem que os outros as apontem como aberrações da natureza devido às transformações corporais que operam, transformações definitivas ou de difícil reversão (Pelúcio, 2005).

Ser travesti implica modificações corporais intensas que começam por um simples gesto como deixar crescer o cabelo ou colocar extensões e uma boa maquiagem, símbolos de feminilidade que para elas são tão necessários e apreciados no grupo. Porém, a hormonização e os implantes mamários são considerados os passos cruciais para o início da transformação em travesti. Os implantes de silicone revelam a fronteira entre o travesti e o transformista, tanto que as travestis competem entre si pela quantidade de silicone injectada no corpo, sabendo exactamente a quantidade colocada em cada parte. O transformista, esse, não necessita de operar transformações corporais, basta vestir-se de mulher ou travestir-se, mas não no sentido das suas representações internas. Para ser transformista não é necessário parecer mulher, comportar-se como mulher ou identificar-se com o género feminino, basta imitar o sexo oposto, colocando roupas que são apontadas pela sociedade como pertencendo a um determinado género (Kulick, 1997).

A travesti assume uma identidade feminina vinte e quatro horas por dia, mesmo estando consciente da sua identidade sexual masculina, pois em termos de orientação do desejo sexual, a travesti é homossexual. Para ela, a homossexualidade é vivida no extremo, pois tem a coragem de dar forma aos seus desejos, assumindo diferentes papéis sexuais por conveniência (Kulick, 1998).

Ser travesti não é ser transsexual, embora algumas possam ter aspirações na mudança de sexo, pensamos que é apenas uma forma de manifestar a identificação ao género feminino, nunca passando à prática, pois sabem que se o fizerem, deixarão de ir para a rua e com isso perdem tudo aquilo pelo qual batalharam toda a vida. A travesti sente-se mulher desde muito jovem e ambiciona ter um marido, um homem que a trate como mulher, que a faça sentir mulher e que não se relacione com ela enquanto homem. O marido faz parte do seu espaço afectivo muito mais do que o sexo. Para relacionamentos ambíguos, existe a rua, palco de encontros furtivos e de comércio, onde ela se sente desejada pelos rapazinhos novos, os “vícios” que procuram uma relação ocasional (Kulick, 2008).

A prostituição aparece como uma espécie de mal necessário, é na rua que as travestis se sustentam, é a rua que lhes dá os luxos que necessitam e ambicionam. Muitas delas, principalmente as portuguesas, têm clientes certos, o que lhes permite ganhar dinheiro suficiente para comprar uma casa, carro e ainda juntar para a “reforma”. Na rua, as travestis constroem-se subjectivamente. Necessitam da prostituição para serem verdadeiras travestis, necessitam de ser cobiçadas, de ser comentadas e de ser invejadas pelas outras. Não se misturam com as mulheres da rua, ocupam um território delimitado, o território de prostituição travesti, reconhecido por quem passa e ocupado durante toda a noite. Em determinadas horas assistimos a um verdadeiro desfile, grandes concentrações de travestis que não se misturam. Cada uma tem o seu ponto de trabalho sem que isso interfira com o da outra. Existe uma certa hierarquia e respeito pelas regras da rua, sob pena de alguma ficar sem sustento.

As mais velhas, as portuguesas, tomam conta do território e certificam-se de que tudo vai correndo mais ou menos bem, ajudam as outras em troca de algo que, normalmente, não são bens materiais, mas sim, reconhecimento e respeito. Dizem as mais experientes que na rua não existem amizades, apenas interesses, cumplicidade ou tolerância (Benedetti,2000).

Ser travesti prostituta é cultivar a juventude num corpo ambicioso, um corpo tão perfeito que faz inveja à mulher que passa na rua, é trabalhar para adquirir formas subjectivas de um género que ainda não existe, um género em permanente construção, um género que vai de encontro às aspirações da mulher moderna, sem tabus e sem preconceitos.

Referências

- Becker, H. (1963). *Outsiders. Studies in sociology of deviance*. New York: The Free Press of Glencoe.
- Firmino da Costa, A. (1986). “A pesquisa de terreno em sociologia”, In José Madureira e Augusto S. Silva (orgs.). *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Hannerz, U. (1980). “Chicago Ethnographers”. In *Exploring the city. Inquires toward an urban anthropology*. New York: Columbia University Press, pp. 19-58.
- Kulick, D. (1997). The Gender of Brazilian Transgendered prostitutes, *American Anthropologist*, vol.99 (3) Sep, pp. 574-585. U.S: University of California Press.
- Kulick, D. (1998). Female trouble: the unsettling place of lesbians in the self images of Brazilian transgendered prostitutes. *Sexualities*, 1, pp. 301-314.
- Kulick, D. (2008). *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Oliveira, A. (2004). *As vendedoras de ilusões. Estudo sobre prostituição, alterne e striptease*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Park, E. R. (2006). *Research in the social sciences-Its fundamental methods and objectives*. New York: Cosmo.
- Simmel, G. ([1911] 2nd ed.; Leipzig: Alfred Kroner, 1919)). Traduzido por David Kettler (2002). “Das Abenteuer”, *Phiosophische kultur. Gesammelte Essays*.

ANEXOS

Anexo I
Notas de Terreno

NOTAS DE TERRENO

1º mês no terreno, dia 1/11/09 entre a 01h00 e as 03h00 da madrugada

As travestis posicionam-se ao longo da Rua do Conde do Redondo, estendendo-se até aos Capuchos. A parte de cima da rua é território das portuguesas, lá encontramos uma travesti, a Patrícia de 51 anos. Em conversa comigo e com os voluntários da Ilga que me acompanhavam, referiu-se a si própria como travesti e às outras colegas também. A Patrícia trabalha na rua há muitos anos, está satisfeita com o seu trabalho e ganha entre 150 a 200 euros por noite. Tem casa própria e carro e vive com o marido há 32 anos. O “marido” da Patrícia também era travesti, mas tirou os peitos e trabalha na Santa Casa da Misericórdia.

A Patrícia referiu-se aos rapazes novos e bonitos que passavam, possíveis clientes, como “vícios”, ou seja, aqueles que só querem sexo sem pagar e que elas até o fariam por gosto e não por necessidade, mas não fazem por serem vícios. Falou do território, dizendo que há muitas brasileiras novas a trabalhar, mas que as manda lá para baixo porque aquela zona é dela e ninguém fica ali.

A Patrícia tem peitos, implantes, não muito grandes, cabelos loiros pintados compridos com permanente e várias cicatrizes ao pé dos lábios. Estava vestida com um soutien branco de renda que deixava ver os peitos, e uma saia branca muito curta. Como estava frio, tinha um casaco de lã comprido preto que fechava de vez em quando e abria quando passavam automóveis com possíveis clientes. Usava umas botas pretas de cano alto até ao joelho e de saltos altos. Falou comigo e relatou-me um episódio de violência a que foi sujeita. Foi roubada depois de ter sido abordada por um cliente. Entrou no carro dele e com a desculpa de que iriam guardar uma cadeirinha de bebé que estava no banco detrás para terem mais espaço, dirigiram-se ao porta-bagagens.

De lá saiu um outro homem que a agarrou e os dois enfiaram-na no porta-bagagens, levaram-na para os Prazeres (ao pé do cemitério) e tiraram-lhe tudo, até os sapatos, deixando-a apenas de cuecas e soutien. Ao contar isto, a Patrícia riu-se e encolheu os ombros, dizendo que faz parte da profissão. Mesmo assim, volta todos os dias para trabalhar no mesmo local.

Ao chegarmos ao pé dela os voluntários deram-lhe piropos do género: Que jeitosa, estás muito bem, que gira ela está!

Patrícia:

- Quando estiver velha reformo-me. Agora a reforma é aos 65 anos (risos), ainda tenho alguns pela frente. Até lá enquanto estiver jeitosa e tiver clientes venho para aqui, é o meu trabalho! Se me fartar...corto o cabelo e volto a ser um chavalito! (disse num tom irónico e sorriu). O meu marido também era travesti, tirou os peitos e agora trabalha na Santa Casa, já estamos juntos há 32 anos. Já ando nesta vida há muito tempo, por isso...isto é o meu trabalho.

Um dos voluntários perguntou se havia mais portuguesas ali, ao que ela respondeu:

- Há mais duas ou três, somos as mais velhas, de resto é quase tudo brasileiras, muitas e novinhas. Eu estou bem aqui, este lugar é meu e ai delas (as brasileiras) que aqui venham, mando-as logo lá para baixo.

As imigrantes vêm para aqui tirar o trabalho aos outros e não é só aqui na rua! (expressou uma certa indignação)

Desde que abriram as fronteiras o país é uma desgraça, ninguém tem para comer. Eu tenho a minha casinha, o meu carro que comprei... já comprei há uns anos, e é para onde eu vou a seguir ver televisão. O que eu mais gosto é a minha casinha, ver televisão e fazer amor. O meu marido...tão bom que é encostar-me a ele, e já são 32 anos! (mostrou satisfação e sorriu cada vez que falava do marido)

Passou um automóvel com um rapaz novo e dissémos:

- Olha é um cliente, não queremos atrapalhar.

Patrícia:

- Não...(sorriu) esse é um vício! Às vezes os novos pagam bem, mas esses (virando a cabeça para trás onde o carro parou) são vícios!

Demos preservativos e gel lubrificante à Patrícia e descemos um pouco a rua à procura de mais travestis. A meio da rua estavam 3 brasileiras. Uma de cabelos compridos loiros, bem arranjada, outra de cabelos curtos pretos e uma amiga que não quis preservativos, disse que não precisava. Ficámos com dúvidas se seria travesti ou não. Duas delas não falaram connosco, só cumprimentaram e ficaram contentes com os preservativos e o gel. Houve uma que falou e disse:

- Eu só quero camisinha, esse gel os clientes não gosta não, eles gosta mais do azulinho. Eu gosto, mas eles se queixa muito!

Continuámos a andar à procura de mais colegas e virámos numa transversal à rua, onde encontrámos a Sheila, uma travesti brasileira de 1,90 m, vestida de vermelho, com umas calças justas e um soutien, os cabelos muito compridos, olhos verdes e um corpo perfeito de mulher, mais perfeito até. A Sheila foi muito simpática, sorridente, ficou bastante contente quando dissémos que éramos do Centro LGBT. A Sheila só chegou a Portugal há 4 dias, por isso ainda não conhece bem Lisboa.

Sheila:

- O negócio hoje tá fraco! Deve ser porque é halloween!

Os voluntários apresentaram-me como investigadora, disseram que eu estava a fazer um estudo sobre elas, ao que ela retorquiu:

- Acho bem que saibam a vida difícil que a gente tem. A gente tem de aturar cada homem mais feio!!! (atira com os cabelos de um lado para o outro) Credo, é cada um.

- Eu gosto de homem bonito! (sorriu) Esta vida é difícil, não é mole não!

Um pouco acima do ponto dela, estava a Paula, também travesti brasileira, chegada há 3 semanas a Portugal. Também disse que o negócio estava fraco e que achava bem que falassem da vida que elas levam.

Paula:

- Acho bem, para saberem a realidade da vida. Passa aqui depois.

Subimos a transversal e virámos à esquerda, um pouco mais perto dos capuchos, vimos uma travesti vestida de preto, um pouco mais gorda que as outras, mas com um ar muito feminino, não sendo possível encontrar qualquer vestígio masculino. Tanto a cara como o corpo era de uma mulher roliça. Atrás dela estavam duas à janela. Abordámos as travestis e perguntámos se queriam preservativos. Ficaram contentes e disseram que sim.

Estava um cliente na rua à espera dela. Um indivíduo de meia idade, forte, de bigode, encostado à parede. A travesti mandou-nos entrar a porta do prédio para não afugentarmos o cliente. Entrámos, subimos umas escadas pequenas e fomos dar a um apartamento no rés do chão. Ficámos no hall do apartamento. Consegui ver dois quartos, um ao lado do outro mobilados. Cheirava a perfume, cigarro e incenso. Havia roupa de mulher espalhada por todo o lado e espelhos. Não consegui ver mais nada.

Entregámos os preservativos, o gel e uns folhetos da Ilga e fomos embora.

Subimos um pouco mais a rua e encontrámos outra travesti. Esta também era brasileira, muito bonita e muito novinha. Tocou o telemóvel dela quando estávamos a falar com ela, mas ela não atendeu. Olhou e não atendeu. Esta não quis preservativos, porque não gostava daquela marca, mas disse que ainda tinha muitos. Só quis gel lubrificante.

Todas as travestis que observei tinham implantes mamários. Peitos grandes que se destacavam dentro dos reduzidos tops ou soutiens. Estavam pintadas com maquiagens bonitas e cuidadas. Umhas tinham roupas de melhor qualidade que outras. Reparei que os cabelos são muito importantes para que se sintam belas, pois mexem neles com frequência, ou para chamar a atenção ou para os ajeitar. Em nenhuma delas era visível qualquer vestígio de pênis.

Dos voluntários eu era a única mulher, biologicamente falando, pois a Zara que estava comigo, é uma transsexual feminina, ou melhor, era, pois agora é mulher. O Nuno é homossexual assumido e por isso teve um bom approach com as travesties. Deu-lhes grandes elogios, perguntou-lhes o signo e elas gostavam dos piropos e do modo como ele as abordava. O Nuno fazia isto para as pôr à vontade no sentido de elas falarem, para me poder apresentar como investigadora. Funcionou. A Patrícia, a Sheila e a Paula, acederam a dar-me uma entrevista. Elas olharam para mim dos pés à cabeça. Ao início quando dizia que estava a estudar as travesties ficavam com um ar desconfiado, mas depois de eu explicar o que pretendia, ficavam à vontade e falavam.

Pelo que observei, as travesties têm um território delimitado. Cada uma tem o seu local de trabalho que não interfere com o da outra. Podem estar distanciadas apenas meia dúzia de metros, mas quem passa apercebe-se de quem é o território envolvente.

Observei alguns clientes e a abordagem delas. Os clientes abrandam os automóveis junto daquela que lhes interessa e, elas dirigem-se a eles mostrando os peitos, pondo um andar e uma pose sensual. Falam com eles através do vidro, algumas enfiam a cabeça e o peito dentro do carro e depois consoante o acordo vão ou não com eles.

A nossa abordagem foi sempre feita no sentido de não atrapalhar o trabalho delas. Sempre que um cliente se aproximava nós afastávamos-nos e virávamos-nos de costas, a não ser que elas quisessem ficar a falar connosco ou porque estavam bem dispostas ou porque já tinham facturado nessa noite.

Foi uma noite muito intensa que terminou por volta das 03h00 da manhã, fiquei feliz pela receptividade delas face aos voluntários e a mim própria, pois as que perceberam que eu estava a estudá-las puseram-me à vontade, cumprimentando-me com dois beijos na cara, perguntando-me o nome e falando comigo.

Eu senti-me um pouco deslocada, na medida em que sou heterossexual e que de alguma forma elas se aperceberam. Tanto no modo como me olharam, como na conversa comigo, pois os meus 3 colegas fazem parte da comunidade LGBT e nota-se logo. As que falaram connosco disseram que estavam ali todos os dias. Eu disse-lhes que iria passar lá um dia destes para combinar com elas as entrevistas durante o dia. Todas me responderam que sim e perguntaram-me onde iria entrevistá-las. Eu disse: ... no meu escritório, num café, logo se vê...

Patricia - Pode ser em minha casa, eu moro aqui perto.

Nessa noite, antes de ir para o Conde do Redondo, fui ter à ILGA. Fui bem recebida, falei com o coordenador das Brigadas do Preservativo e com a coordenadora do Centro. Curiosamente, à excepção da coordenadora, todas as pessoas com quem contactei nessa noite eram homossexuais femininas ou masculinos. Puseram-me a par dos projectos da ILGA, etc, e mostraram-se muito cooperantes colocando-se eles próprios à disposição para me ajudar como dando-me indicações de outras pessoas. Uma delas foi a Zara, uma transsexual feminina. Uma senhora de 66 anos que tem um filho com 30 anos e um neto. A Zara já foi homem, mas desde os 55 anos que é mulher. Ela já é voluntária há muitos anos e conhece as travestis todas mais velhas. A Zara conseguiu mudar de nome no BI, também me vai dar uma entrevista.

Também conheci o Nuno, de 38 anos, que é um caso muito especial. Ele já teve dúvidas se era transsexual, pois diz ter um lado feminino muito grande, porém não sentiu necessidade de mudar o corpo ou o visual. O Nuno sente-se mulher em vários aspectos e considera-se andrógono.

Nuno:

- Tive uns problemas...mas encontrei-me...vejo-me como um ser humano e só, assim, andrógono.

2º mês no terreno, dia 28/11/09 entre a 1h30m e as 3h20m

Começo por esclarecer que o nosso mês começa no primeiro sábado de cada mês, mas dada a impossibilidade de irmos nesse sábado antecipámos a Brigada do Preservativo.

Chegámos ao Conde do Redondo por volta da 1h30m da madrugada. Não vimos nenhuma travesti, subimos e descemos as transversais e nada. Passados uns 10 minutos, vimos ao longe a Vicky dentro do carro de um cliente. Continuámos a andar de um lado para o outro e encontrámos duas brasileiras que costumam estar a meio da rua, tinham acabado de “fazer” um cliente. Elas reconheceram-nos e falaram connosco. Estas duas travestis costumam trabalhar no mesmo ponto, embora não atrapalhem o trabalho uma da outra. A do cabelo curto fica encostada a um quiosque, enquanto que a do cabelo comprido distancia-se uns três metros e senta-se num separador. A travesti do cabelo curto, tinha uma maquiagem muito bem feita, bonita, e desta vez aceitou os preservativos.

A do cabelo comprido falou connosco, embora eu ainda não saiba o nome dela.

Nuno:

- Tens um cabelo muito bonito.

Travesti:

- Gosta?! São extensões! Eu gosto assim de cabelos compridos. (mexeu nos cabelos longos, lisos e com madeixas loiras)

Eu:

- São muito bonitos, ficam-te muito bem.

Travesti:

- Obrigada.

Nuno:

Isto está mal hoje?

Travesti:

- É. Andam aí umas que levam 20, 30 e depois os cliente vem e nós leva mais e eles não querem não. Eu é 50, às vezes 40 se tiver que pagar quarto, mas não baixo mais não.

Eu:

- Onde estão as tuas colegas, não vimos nenhuma.

Travesti:

- Estão todas ocupadas né?! (riu-se com um ar simpático)

Demos-lhe mais uns elogios, preservativos e gel e fomos à procura das colegas dela.

Ao descermos a rua, encontrámos a Cláudia, uma travesti portuguesa, linda, loira e bem cuidada, tinha um ar chique que se destacava das outras. A Cláudia estava com um casaco preto fechado até ao decote e com as mamas de fora nuas. Ela reconheceu a Zara, a transsexual voluntária da ILGA. Falou connosco.

Zara:

- Olá.

Cláudia:

-Olá. (cumprimentou a Zara com dois beijos na cara)

Zara:

- Andaste desaparecida, estiveste fora?

Cláudia:

- Sim. Estive na Suíça. Vim agora, mas isto está péssimo! Na Suíça também...mas faço lá numa noite o que faço aqui num mês (risos).

Nuno:

- Quanto cobras?

- 50.

- Completo?

- Sim. Mas há aí umas travesties que levam pouco. Há lá em cima uma negra horrorosa que tem muitos clientes por causa do preço.

Mas eu não baixo. Esta preta gorda, tapa a cara assim com o cabelo (puxa os cabelos para a frente da cara e imita) e engana-os. (riu-se muito)

Nem se pinta, não usa maquiagem! (diz com um ar indignado). Esta leva 20, uma vergonha...mas há outras! (fez uma expressão de desdém)

A Cláudia estava empoleirada num separador de ferro e enquanto falava connosco mexia-se muito, ora se punha de pé, ora se sentava e mexia no cabelo.

Subimos mais um bocado a rua e encontrámos a Vicky, uma travesti portuguesa sessentona, vestida de blusão de cabedal com tachas e uma mini saia. Cabelos curtos muito brancos lisos, pareceu-me ser uma peruca. A Vicky falou pouco, depressa nos despachou. A Zara disse-me que ela é uma das mais antigas na rua.

Em conversa com elas descobrimos que existe um apartamento na Rua da Escola do Exército, 36, 1º esq., onde elas vão com os clientes e que serve de ponto de encontro delas. Pediram-nos para deixar lá preservativos e no final da noite o Nuno foi lá, falou de mim ao dono da casa que é uma travesti velha, para eu poder ir lá na próxima Brigada.

Também nos falaram de outro apartamento de um brasileiro, mas ainda não sabemos onde fica.

Em conversa comigo a Zara identificou as travestis como PHT, ou seja, Prostitutos Homossexuais Travestidos. Mas por respeito a elas, são Travestis Prostitutas, denominação no feminino, como elas gostam de ser tratadas.

Este dia foi diferente do outro, foi bastante mais cansativo, encontrámos menos travestis, embora nos tenham dito que estavam muitas na rua. Ao que parece houve uma leva de clientes ao mesmo tempo e elas ficaram todas ocupadas.

3º mês no terreno, dia 9/01/10 entre as 00h30 e as 4h da madrugada

Chegámos ao Conde do Redondo, por volta das 00h30. Desta vez, a Zara não foi e foram dois voluntários comigo e com o Nuno que costumam fazer outro itinerário de voluntariado, o Filipe e o Miguel. Estes dois voluntários são companheiros, vivem juntos como um casal. O Miguel é um homem alto bastante atraente e bonito, o típico homem que elas gostam, homossexual mas com um ar hetero, sem gestos afeminados ou nada que o revele. É relevante referir estes pormenores porque com o avançar da noite, o Miguel foi protagonista de vários episódios de assédio por parte das travestis nesta noite.

Quando chegámos ao local onde costumam estar as travestis, não vimos nenhuma. Continuámos a andar às voltas, porque é importante não ficarmos parados nas esquinas e nos pontos delas, e ao cimo da rua no seu território avistámos a Patrícia, aquela travesti portuguesa que já é nossa conhecida. A Patrícia parecia um pouco irritada porque logo que nos aproximámos saiu do local onde estava e pôs-se a circular. Não nos aproximámos, pois sentimos que a nossa presença hoje não era bem vinda. Voltámos a descer a rua e a subir uma das transversais ao Conde do Redondo e encontrámos a Sheila, ela quis preservativos, cumprimentou-nos, disse que já estava quase legalizada no país, mas não quis mais conversa, no fundo senti que nos despachou.

Um pouco mais em cima vimos uma travesti negra, a Sandy, e fomos falar com ela. A Sandy é uma pessoa cheia de opiniões. Falou logo connosco e até falou bastante tempo. Esteve a falar sobre os homens e disse que era mais fácil ter um namorado que tinha conhecido na rua do que um namorado conhecido em contextos sociais fora da prostituição, pois quando chegava a hora de revelar a sua profissão era bastante difícil e embaraçoso para ela. Se tivesse um namorado ou marido da rua tudo era mais fácil porque assim ele já sabia o que ela fazia para se sustentar. No entanto, o sofrimento era grande nos dois casos.

Sandy:

- É sempre complicado, se ele não sabe e dizemos-lhe vai ficar decepcionado, mas mesmo que aceite, vai ter muitos ciúmes e complicar-nos a vida. Se for um da rua, também é chato, porque não vou confiar nele, pois se anda comigo pode andar com outra...(sorriu com ar de troça) ou eu gostar de outro porque sei que ele não se importa por eu ser puta, não é?

Riu-se e depois disse que tinha um namorado há pouco tempo, não quis dizer onde o conheceu, mas revelou que já estava com alguns problemas. No decorrer da conversa alguém lhe perguntou o que é que ela achava dos homens portugueses, visto que já cá estava há algum tempo.

Sandy:

- São simpáticos, mas são muito atrasados, como é que hei-de dizer...(parou e pôs-se a pensar) se calhar são...como é que vocês dizem?...muito conservadores. Mas não quero ofender ninguém! (olhou para o casal que foi comigo) São boas pessoas mas um bocado...sei lá...nos outros países são mais abertos, não gozam connosco e aqui ainda aparecem alguns só para nos agredir!

Eu:

- Mas de um modo geral são bons? (referindo-me à parte sexual)
- Isso são! Carinhosos...têm é pouco dinheiro, há muitos meninos novos que estão sempre a tentar de graça (risos).

A Sandy teceu mais algumas considerações sobre os homens portugueses, dizendo que até eram boas pessoas, mas sempre no sentido de tentar demonstrar que o nosso conservadorismo é considerado retrógrado e sem sentido numa sociedade moderna. Deu exemplos como a Suíça, a Espanha, Itália e o Brasil, países onde ela já tinha estado a trabalhar. A Sandy disse-nos que andava na rua há 8 meses, mas que estava em Portugal há 7 anos e que tinha tido outros trabalhos em bares, vive na margem sul.

Deixámos a Sandy e fomos à procura de mais meninas. Descemos uma das transversais do Conde do Redondo e vimos a Sheila, aquela travesti grande e vistosa com os cabelos negros pelo rabo. Fomos ter com ela e ela reparou logo no Miguel.

Sheila:

- Meninas, que pedaço de mau caminho! Que bonitão e alto...! Você é quase da minha altura! (admirada por ver um português tão alto)

Eu:

- Este é o namorado dele Sheila...não te entusiasmes muito.
- Também é bonito...mas você...(pôs o braço à volta do pescoço do Miguel)

O Miguel sorria, cumprimentava-as e mandava uma boca de vez em quando, mas todas as travestis que encontrámos neste dia mandavam piropos. Fomos até aos capuchos e estavam lá cerca de dez travestis, umas empoleiradas nos carros outras de pé. Quando estávamos a distribuir preservativos, apareceu uma travesti loira, toda giraça num automóvel encarnado desportivo, um Toyota, era a Jorgete. Chamou uma ou duas que se aproximaram do carro, não consegui ouvir o que diziam, falou com elas uns minutos e depois foi dar a volta à rua. Voltou no sentido inverso e reconheceu a Zara. A Jorgete falou com ela e eu aproximei-me.

Jorgete:

- Há muito tempo que não te via. Estás boa?

Zara:

- Pois é, tive uns tempos afastada da Brigada por motivos profissionais, mas agora voltei para ver as meninas. Estou ótima e tu?
- Vai-se andando, sabes como é...aqui é sempre difícil. Vá, vemos-nos noutra altura, agora tenho de ir.

Disse-lhe que estava a fazer um estudo e dei-lhe o meu número de telefone num papelinho, ela respondeu:

- Está bem, há umas coisas que eu tenho para dizer que se passaram...mas agora não tenho tempo, vocês...lá da ILGA... apareçam aí que depois conversamos.

Falou num tom autoritário, olhou para mim com um ar desconfiado e eu senti que aquela travesti não era como as outras, pelo menos não tinha o mesmo estatuto social, se considerarmos que existe uma certa hierarquia na rua, fiquei com a impressão de que ela era bastante respeitada no grupo. Houve qualquer coisa naquela travesti que me despertou a curiosidade, fiquei a pensar que talvez fosse uma “mãe” ou uma “madrinha”. Ela ía com outra travesti ao lado que passou praticamente despercebida, de tal modo que se a vir de novo não reconheço. A Jorgete focou toda a minha atenção naqueles breves momentos.

Depois do carro da Jorgete se ter afastado fomos ter com os outros voluntários para continuar a distribuição, pois estavam muitas travestis naquela rua e nós demoramos sempre muito tempo porque queremos falar com todas. Há sempre umas que dão mais conversa que outras, principalmente, as brasileiras. No decorrer das conversas fiquei a saber que algumas travestis fazem atendimento durante o dia através de um site na internet chamado T- Gatas. Lá expõem as suas fotografias, nome e contacto e os clientes escolhem a que querem e vão ter com elas ao local combinado. As travestis pagam 30 euros por mês pela manutenção dos seus dados no site. Fiquei a saber que há muitos homens casados que o fazem na hora do almoço.

Depois dos capuchos já não fui para mais lado nenhum, fui para cas por volta das quatro horas da madrugada, mas os meus colegas ainda foram deixar uns preservativos a uma pensão onde vão as prostitutas, não as travestis, que fica ali a caminho. Desta vez ninguém foi ao apartamento da Rua da Escola do Exército porque já era muito tarde.

Dia 10/01/10, pelas 17horas “O SITE”

Fui espreitar o site T-Gatas e vi lá a fotografia da travesti que me contou sobre o assunto. Elas aparecem pouco vestidas ou nuas com o órgão sexual em evidência, parece-me que utilizam o photoshop para realçar o pênis, não acredito que sejam todas tão avantajadas, principalmente, depois das voltas que lhe dão para o esconder quando estão na rua.

É um site que fere susceptibilidades, ali podemos ver o corpo de uma travesti prostituta e as transformações que operaram para o obter. Na maioria parecem autênticas mulheres, mas, com um pênis e sem um vestígio de pilosidade. É verdadeiramente incrível a imagem que vemos e a produção que fazem para a fotografia. A maquiagem também é bastante relevante e os cabelos...Não vou voltar a espreitar, talvez só daqui por uns tempos para ver se ela ainda lá está anunciada. Este é o tipo de site que nós temos medo que os nossos filhos adolescentes possam ver e que fiquem traumatizados e baralhados. Considero aquelas imagens bastante perigosas e estão ao alcance de qualquer um na net. Num primeiro momento suscitou-me nojo, mas depois como investigadora tive de ultrapassar esse momento.

Quando estamos ao pé das travestis e falamos com elas, vemo-las como mulheres, não nos passa pela cabeça como é o seu corpo de verdade. Podemos imaginar porque sabemos que têm um pênis e reparamos nas suas formas, nas mamas, nas curvas, nos cabelos, nas coxas, mas não da forma como o vemos naquele site.

4º mês no terreno, dia 6/02/10 entre a 1h00 e as 5h00 da manhã

Chegámos ao Conde Redondo por volta da 1h da manhã e vimos logo a Sheila no seu ponto. Eu estava dentro do carro, abri o vidro e chamei-a. Como ela não me ouviu, abri a porta do carro e saí mesmo ao pé dela.

Sheila:

- Menina que susto!!!Achei que era a polícia. Não faz mais isso não! Eu hoje estou louca, drogada, fumei maconha tou louca memo!

Ao mesmo tempo que falava, abanava-se no meio da rua e cantava. Ela estava com um MP3 a ouvir música e por isso não me ouviu quando a chamei pelo vidro. Demos-lhe preservativos e fomos embora, ela estava alterada mesmo, notava-se.

Subimos a rua do outro lado e fomos ter com a Ingrid e com a Kelly, tal como a Sheila elas já nos conhecem. A Ingrid tem uma postura diferente das outras duas, é mais velha, mais calma e está sempre sentada no muro de umas escadas de um prédio que faz esquina com a Rua Duque de Loulé, o território das prostitutas dos cabarets. Posso dizer que conheço pois já fui jantar ao Elefante Branco para observar, mas isso seria outro estudo...e para esta investigação só é relevante em termos de território. A Ingrid não chega a estar na Rua Duque de Loulé, pois posiciona-se virada para a transversal da Rua do Conde do Redondo. A Ingrid é prostituta há 15 anos. A Kelly é uma travesti descontraída e faladora. Hoje contou-nos alguns pormenores da sua vida.

Kelly:

- Eu sempre fui mulher. Me sinto mulher. Estou aqui em Portugal há 9 meses, mas não é para ficar não! Só vim tratar da papelada...sabe...eu sou casada na Suíça com uma portuguesa. Paguei 18.000 euros para casar com ela. Sou casada como homem né, e tou tratando da papelada.

Tive uma advogada que me levou 1200 euros e quando fui à Conservatória faltava um monte de papelada! Me levou...e não tratou nada. Agora tenho outro que já cobrou 800 euros, mas está tratando sim. Já me levaram 18.000, mais 1200, mais 800, já viu né, isto é difícil!

Eu:

- Mas queres voltar para a Suíça?
- Quero sim. Lá ganho um monte de dinheiro. Aquilo é bem melhor, o pessoal é educado, há muito cliente e pagam bem 150 euros, o equivalente.
- Como é a vida de travesti no Brasil?
- Lá não trabalho não, só vou ver a família e tenho um salão de beleza lá. Não vou para a rua não.

Ingrid:

- Eu também vou ao Brasil de vez em quando e também não vou para a rua não.

Nuno:

- Tens uma mulher na Suíça...e namorado tens?
- Tenho um marido aqui outro lá (no Brasil).
- Há quanto tempo?
- 1 mês (risos).

Eu:

- E a vida aqui na rua está difícil ou há clientes?
- Está muito difícil, os portugueses não têm dinheiro, no outro dia mesmo nós as três (ela a Ingrid e a Sheila) tivemos uma semana sem gozar. Aí uma fez cliente e pagou comida para as outras, nessa semana foi difícil. Eu quero deixar esta vida de puta, ser puta já não está com nada não. Quero fazer operação e ser mulher.

- Então queres mudar de sexo é isso?
- Quero, vou fazer e volto para o Brasil, para outra vida como mulher.
- Sentes-te uma mulher?
- Sinto,..menina eu sempre me senti mulher!
- Ela fala, fala mal, mas esta vida também tem coisas boas sim. Ganhamos dinheiro para pagar as nossas contas e luxos!

Estivemos ali mais um bocadinho e soubemos que as três viviam juntas, mas que a Sheila tinha ido viver sozinha há pouco tempo por causa de uma desavença com a Ingrid. A Kelly disse que fazia anos dia 20 deste mês e eu disse que passava lá na rua para lhe dar os parabéns.

Eu disse que fazia anos no dia 21 e ela antes de eu vir embora disse:

-Senão nos virmos antes, parabéns para você.

-Obrigada

Descemos a rua e viramos para cima, ao pé da paragem do autocarro, encontrámos outra travesti a Karina, bonita, e percebemos que não costuma estar ali todos os dias.

Demos-lhe preservativos. Ela tinha uma mala muito pequenina, então eu estive a enfiar-lhe nos bolsos do blusão preservativos até não caberem mais. A Karina é um pouco tímida, mas muito simpática.

Um pouco mais acima, encontrámos a Alessandra, uma travesti que já tínhamos visto e entregue preservativos, mas que ainda não sabíamos o nome dela.

A Alessandra falou dos clientes, depois de abordada nesse sentido. Alguém perguntou o que é que os clientes procuravam nelas.

Alessandra:

- Eles querem o nosso pau. Mas querem o pau numa mulher. Eles querem gozar e nós também goza com eles. Aliás, com os clientes a gente goza, com os maridos a gente se sente mulher.

Nuno:

- Mas tu não queres operar o sexo pois não?

Alessandra:

- Deus me livre! Eu não, olha...eu nasci assim, homem e, por isso, vou sempre ser assim, aí não posso mexer não, foi assim que nasci.

Agora o resto posso transformar, pôr silicone (agarrou as mamas para mostrar).

Marcelo: (um dos voluntários brasileiro):

- Há quanto tempo você pôs?

- Um ano.

- Quanto pôs?

- 450. Foi difícil porque dói muito depois de colocar. A gente tem de ficar assim sentadinha, sem se mexer que é para não estragar (fez o gesto exemplificando).

Durante a conversa, apareceu a Joana, uma travesti mais velha cheia de pinta, com um ar mais chique que as outras. A Joana é portuguesa e é uma travesti conhecida no meio homossexual. Falei com a Joana, porque já sabia quem ela era, no sentido de a convencer a participar no meu estudo, dando-lhe uma entrevista. Ao princípio ficou reticente e disse:

-Já tou farta dessas coisas, já ajudei tantas pessoas, que agora já não tenho paciência.

-Mas o meu estudo é uma investigação com base científica, não é uma coisa sensacionalista, é sério e para isso preciso da vossa colaboração. A Joana ficou a pensar e disse:

-Dá-me o teu número de telefone, não prometo nada...mas... logo vejo.

-Está bem e tu dá-me o teu.

-Mando-te uma mensagem com o meu número.

Dei-lhe o número de telefone, ela afastou-se enquanto continuávamos a conversa com a Alessandra. Passado cinco minutos o meu telemóvel apitou, era a mensagem da Joana com o número e o nome dela.

De repente aparece uma travesti completamente estranha e diferente das outras. Esta era um homem com uma peruca loira, um gorro na cabeça, desdentado, voz de homem e com um discurso de rir às gargalhadas. Estava elétrico e tinha andado em Monsanto.

Disse que em Monsanto aquilo era a despachar, fazia o servicinho e pronto, muitos clientes. Percebemos que cobrava pouco.

Era uma travesti estranha que em nada se assemelhava com as outras, trazia uma mochila e as colegas disseram que era para trocar de roupa.

Subimos mais um pouco a rua e encontrámos um transformista, a Cassandra. Ela é portuguesa, muito nova. Tinha uma peruca loira, não tinha implantes, estava vestida com um vestido de lã de gola alta e botas altas. O vestido de gola alta servia para tapar os pelos do peito. Ela mostrou-os.

Cassandra/Marco:

- Olá boa noite! (mexia-se muito punha a mão na cintura e abanava-se).

Olhem, eu só venho para aqui de vez em quando, uma vez por mês, mais ou menos. Eu sou transformista, faço o espectáculo do “X”. Não sou travesti, se quisesse era, mas não quero. Gosto de ser homem e de vestir-me de mulher.

Eu:

- Então és diferente delas. Elas estão aqui todos os dias para ganhar dinheiro.

- Eu só venho quando preciso de mais algum... e ganho porque elas estão ali com as mamas todas de fora e eu se me sento na paragem e mostro o pau, os clientes param logo. Eles querem é um pau grande e o meu é.

Tás a ver aqui os pêlos (baixa a gola do vestido de lã mostra-me o peito cheio de pêlos), eles nem dão conta e as mamas também não, querem é o que tenho aqui em baixo (ri-se).

-Então os teus clientes são diferentes dos delas?! - perguntei

-São, os meus clientes são bichas que querem ter sexo com homens, mas não conseguem, e por isso, têm sexo com alguém vestido de mulher. Não tem de parecer mulher, eles é que têm problemas em ter sexo com homens. A maioria são casados e até têm filhos.

-Cassandra, gostava de te entrevistar porque dizes que és transformista e eu estou a fazer um estudo sobre travestis, era importante que tu falasses sobre ti e a tua vida.

-Está bem, toma lá o meu número de telefone.

Rui:

-Eu queria fazer uma filmagem, lá na Ilga a acompanhar a transformação de um transformista de homem para mulher, a pintar-se, vestir-se, etc, queres participar?

Eu filmava e a Rita entrevistava-te. É para os arquivos da Ilga.

-Está bem. Já uma vez fiz isso quando foram ao “X” fazer um programa qualquer.

Eu:

- Tu disseste que durante o dia eras homem, como te chamo então se te telefonar?

- Marco.

- Tens namorado?

-Tenho, olha aqui é lindo! (mostra uma fotografia no telemóvel).

Olha eu vestida para cantar!

Mostrou fotografias com uma peruca preta e muito bem maquiada.

-Ficas melhor com o cabelo preto.

-Pois fico, mas tenho muitas perucas, todas de cabelo natural, olha (mexe no cabelo até às pontas), esta custou 600 euros.

Toquei nos cabelos para confirmar que era uma peruca de cabelo natural. A Cassandra/Marco esteve sempre muito elétrica, falava muito depressa, e parecia que estava com vontade de se justificar, ou seja, sabia que estava ali num território que não era o dela, e estava sempre a dizer que quase não se prostituía, que não era travesti, que tinha mais clientes que elas e falava muito dos clientes.

Percebemos que o tipo de clientes que procura a Cassandra é um pouco diferente, porque não procura nela formas de mulher, símbolos femininos, mas apenas uma aparência, sabem que é um homem apenas vestido de mulher, que não parece uma mulher, nem tem alterações no corpo. Não têm necessidade de olhar para uma mulher fálica, como descrevem as travestis, que os seus clientes gostam de as olhar.

Despedimo-nos da Cassandra/Marco e fomos lá para cima, para o território das mais velhas, as portuguesas. Fomos bem recebidos, mal me aproximei uma delas, a Regina L'amour, começou logo a falar. Ela estava ao pé do carro dela e pusemos os preservativos dentro da mala do carro.

A Regina é brasileira, mas vive em Portugal há 25 anos. Ela já tem 50 e tal anos. Fartou-se de contar piadas, muito descontraída, sempre a meter-se com a outra travesti, a amiga Jorgete.

Regina:

- Agora ando com esta lata velha (ria-se). Eu tenho um Volvo, já com muitos anos, mas é diferente de andar nisto, uma mulher como eu faz outra vista a andar de Volvo, não acham?!

Olha para mim, sou tão grande que não caibo neste carrito. Mas o outro está avariado e comprei este para vir trabalhar. Tenho de ganhar dinheiro para pagar o arranjo.

Eu fiquei sozinha a falar com ela e os outros voluntários foram para ao pé da Jorgete.

- Agora não venho todos os dias, aí três vezes por semana, porque estou diabética. Olha para as minhas pernas, estou toda inchada, vês? Mas ainda estou jeitosa não?

- Claro que estás, mas tens de ter cuidado com os diabetes.

- Pois é, por exemplo, já não como há muitas horas e devia comer qualquer coisa.

- Eu também não tenho aqui nada para te dar. (ela virou-se e olhou para cima)

- Olha ali ela toda convencida, com o seu carrão.

Sabes ela comprou este carro porque aprendeu a guiar no meu que era igual em Paris. Tinha este Toyota igualzinho da mesma cor e tudo. É uma imitadora.

Oh Jorgete, não é verdade que tive um carro igual a esse, onde aprendeste a guiar? (gritou)

- É, é.- disse a Jorgete.

Com o virar da conversa subimos as duas para ao pé da Jorgete que estava a falar com os voluntários.

- Olá, estás boa (cumprimentei-a)

Então não disseste nada, querias falar sobre um assunto qualquer importante.

Jorgete:

- Depois falamos.

-Diz lá...se pudermos ajudar.

Jorgete:

- É que a policia tem-se portado mal com algumas meninas, goza com elas, manda-as despir para as envergonhar, enfim tem sido horrivel!

E acho que devia ser contado nalgum sitio.

- Vamos informar a coordenadora da Ilga, para ver o que se pode fazer, esses maus tratos devem ser denunciados. Mas eu queria falar contigo por causa do meu estudo, lembras-te?

-Sim, diz lá.

Expliquei tudo e ela ficou muito afável, começou a falar que foi das primeiras travestis a andar na rua antes do 25 de abril.

- Sabes, eu era uma Miss, consideravam-me a travesti mais bonita de Portugal.

Não é verdade Regina?

Regina:

- Isso era dantes, agora estás velha! E quem diz que eras mais bonita que eu? Eu é que era linda, uma mulher perfeita.

-Cala-te monstro! Sabes perfeitamente que eu era a mais bonita.

Com o 25 de abril, eu tive aí uns problemas com a judiciária, fui presa e tudo, isso depois conto-te, tivemos de ir para Paris. Estivémos lá muitos anos, aquilo era bom. Mas começmos a roubar os clientes das prostitutas e os franceses começaram a expulsar-nos. Depois voltámos a Portugal.

- Então tu e a Regina são amigas há muito tempo?

-Sim. Quer dizer...se considerar isto minha amiga (a meterem-se constantemente uma com a outra mas com muito carinho, apenas brincadeira).

Nesta profissão não há amigas e vou-te contar um episódio.

Quando estive em Paris, não há muito tempo, porque eu voltei lá, fiquei doente e fui parar ao hospital com uma pneumonia. Todos os dias as minhas colegas iam lá para o meu quarto ficar ao pé de mim, mas não era para me ver bem, era para ver se eu tinha a maldição (SIDA). A médica pediu-me para fazer as análises todas e eu disse que sim. Quando vieram os resultados das análises e eu soube que estava limpa, nem sabes, mais nenhuma apareceu. Só queriam era saber se eu ia morrer, tás a ver...das antigas quase todas morreram por causa da SIDA, escapei eu, a Regina, a Patricia loira e mais uma lá em Paris, o resto já foi tudo. Por isso, nós sem preservativos não fazemos nada, gosto muito de mim e quero ficar viva.

Olha para mim ainda estou muito bem não achas? (levantou o vestido para mostrar o rabo e as coxas).

-Acho que estás linda!

- Vou-te mostrar umas fotografias de quando eu tinha 20 anos.

Foi ao carro buscar a carteira e mostrou-nos umas fotografias dela nova, muito bonitas, parecia mesmo uma mulher, sem maquiagem, ao natural, cabelos naturais, etc.

A Regina ao ver isto, foi também buscar a carteira para mostrar como parecia uma mulher bonita quando era nova.

Regina:

- Olha aqui, eu era muito mais bonita que ela, uma mulher autêntica.

Nesta altura a conversa quase só era dirigida a mim, e a concorrência delas era notória. Porém, parecia haver uma grande cumplicidade. A Jorgete contou que a Regina quando chegou a Portugal foi viver para um apartamento no mesmo prédio dela e desde aí ficaram sempre juntas.

Contou que nunca teve problemas com os vizinhos nem nada, excepto quando a Regina lá esteve, porque saía à rua de mini-saias muito curtas e tudo ficava a olhar.

Jorgete:

- Nós temos de nos saber comportar não é?

Ela chegou lá do Brasil, em que andam sempre todas despidas, aqui numa terra pequena (Moita) não pode ser assim. Todas sabem o que faço mas tento sair de casa o mais discreta possível. Tás a ver, estou quase despida, mas saí de casa com este casaco fechado comprido, como se estivesse vestida normalmente.

Primeiro que a Regina aprendesse isto, meu Deus! Foi difícil!

Regina:

- Então, vocês são tão conservadoras, eu só andava de mini-saia!

-Temos de nos saber comportar e ela não sabe sabes (pisçou-me o olho e falou mais baixinho)

-Sei o que queres dizer.

Estivemos ali até às 5h00 da madrugada, a ouvir piadas, picardias entre elas e histórias. Fartámo-nos de rir às gargalhadas.

A Jorgete deu-me o número de telemóvel dela e combinámos que depois me dava umsa entrevista durante o dia, para ela me contar a história da vida, a sua transformação, etc.

Soube que só começou a pôr silicone quando estive em Paris.

Estas duas travestis são reconhecidas pelas outras como mães, ajudam no processo de transformação em travesti e guardam o território.

Despedimo-nos delas e fomos embora porque já era tarde e estava a ficar muito frio.

